



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**MARIA APARECIDA SANTOS SANTANA**

**EDUCAÇÃO DE TERREIRO:  
O TERREIRO DE CANDOMBLÉ COMO LUGAR DE EDUCAÇÃO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2017**

**MARIA APARECIDA SANTOS SANTANA**

**EDUCAÇÃO DE TERREIRO:  
O TERREIRO DE CANDOMBLÉ COMO LUGAR DE EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras como requisito parcial para a obtenção da graduação do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB Campus dos Malês, na Bahia)

Orientação da Prof. Dra. Cristiane Santos Souza

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

S223e

Santana, Maria Aparecida Santos.

Educação de Terreiro : o Terreiro de Candomblé como lugar de educação / Maria Aparecida Santos Santana. - 2017.

43 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Santos Souza.

1. Candomblé - Bahia. 2. Candomblé - Educação. 3. Religião - Bahia - Educação. I. Ilê Axé Opô Afonjá. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 299.673

**MARIA APARECIDA SANTOS SANTANA**

**EDUCAÇÃO DE TERREIRO:  
O TERREIRO DE CANDOMBLÉ COMO LUGAR DE EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras como requisito parcial para a obtenção da graduação do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB Campus dos Malês, na Bahia)

São Francisco do Conde, 28 de Julho de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Cristiane Santos Souza (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

**Profa. Dra. Maria Cristina Teodoro Trinidad**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

**Profa. Dra. Dyane Brito Reis Santos**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

*Dedico este trabalho ao Povo de Santo*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Olorum, Deus da minha fé, criador do universo e de todos os Orixás, por me dar vida e saúde para que eu pudesse enfrentar os obstáculos da caminhada e chegar ao término deste trabalho.

Ao meu filho Wandemberg Gibaut, meu maior exemplo de força e coragem, meu orgulho, por trazer felicidades para os meus dias.

A minha sobrinha, quase filha, Renata Santana, pela companhia nas noites de estudos.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Souza, pelo carinho, respeito e dedicação ao me conduzir para o caminho da autonomia intelectual e por não faltar com o seu apoio nas horas que necessitei.

A minha Ialorixá, Ana d'Oxum, pela condução espiritual que me faz a caminhar pela estrada da fé, do amor.

Aos colegas de turma pelas angústias e alegrias vivenciadas no decorrer destes anos.

Ao amigo Oswaldo Copque pelo encaminhamento ao Ilê Axé Opô Afonjá.

À Toda comunidade O Ilê Axé Opô Afonjá pelo acolhimento, disponibilidade e pelo carinho com que me acolheram. Agradeço inclusive a Profa. Iraildes Santos Nascimento e ao Sr. José de Ribamar Feitosa, por terem permitido o acesso ao Ilê Axé Opô Afonjá e me recebido atenciosamente para que eu pudesse realizar esta pesquisa.

Enfim, “agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito”.

“Um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes” (Marcus Garvey)

## RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma investigação que teve por finalidade estudar as práticas cotidianas de um Terreiro de Candomblé, precisamente o Ilê Axé Opô Afonjá. A pergunta que orientou o percurso desta investigação foi: de que forma essas práticas influenciam na educação e construção da cidadania e dos valores éticos e culturais de seus adeptos? A fundamentação teórica teve por embasamento principal Stela Guedes Caputo, Vanda Machado dos Santos dentre outras contribuições. A metodologia aplicada foi da observação direta, por meio de conversas informais e da realização de entrevistas semiestruturadas com a comunidade do terreiro, que serviu de fonte de informação. As conclusões apontam que o Terreiro de Candomblé se constitui um espaço onde existe um processo de educação e formação cultural. Na educação do terreiro identificou-se o reencontro com os valores da tradição cultural africana; rigidez em respeito à hierarquia, por meio de uma metodologia relacionada à vivência comunitária, onde a observação participante e a repetição se constituem na chave para esse aprendizado.

**Palavras-chaves:** Candomblé - Bahia. Candomblé - Educação. Ilê Axé Opô Afonjá - História. Religião - Bahia - Educação.



## **ABSTRACT**

This work is the result of a research that aimed to study the daily practice in a Candomblé's Terreiro, more especially the Ilê Axé Opô Afonjá. The question that guided the course of this investigation was: how these practices influence in the education and building of citizenship and ethical and cultural values of its followers? The theoretical basis was mainly based on Stela Guedes Caputo, Vanda Machado dos Santos among other contributions. Through active observation, informal conversations and from semi-structured interviews with the Terreiro's community, which served as source of information. The conclusions point that the Candomblé's Terreiro constitutes a place where there is a process of cultural education and training. In the education in the Terreiro was recognized a meeting with the values of African tradition: rigor with respect to hierarchy through a methodology related to the community experience, where the active observation and repetition are the keys to this learning.

**Keywords:** Candomblé - Bahia. Candomblé - Education. Ilê Axé Opô Afonjá - History. Religion - Bahia - Education.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2</b>	<b>A EDUCAÇÃO E SUAS DIVERSIDADES</b>	17
2.1	EDUCAÇÃO FORMAL	19
2.2	EDUCAÇÃO INFORMAL	20
<b>3</b>	<b>O CANDOMBLÉ: MUITOS CAMINHOS E UMA SÓ DIREÇÃO</b>	21
3.1	OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ	23
3.2	A HISTÓRIA DO TERREIRO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ	25
3.3	CONVIVENDO E APRENDENDO	27
<b>4</b>	<b>CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS</b>	32
	<b>REFERÊNCIAS</b>	34

## 1 INTRODUÇÃO

As comunidades de matriz religiosa afrodescendentes no Brasil representam, atualmente, a memória viva das sociedades tradicionais africanas e salvaguardam esta cultura, desde o zelo e respeito pela natureza de onde eles retiram a sua religiosidade e energia vital, até a culinária, valores, princípios, hierarquia, língua, estética e indumentárias.

Os saberes são produzidos através das relações sociais e da herança cultural e, todos os indivíduos nos diversos espaços por onde transitam, constituem-se como sujeitos de ensino-aprendizagem. Nas religiões de matriz africana a oralidade é utilizada como veículo para a transmissão dos saberes e valores ancestrais. Desta forma, crianças e jovens que crescem nos terreiros de Candomblé, por exemplo, aprendem a partir das práticas presentes no cotidiano religioso da comunidade sobre respeito e ética e compreendem o mundo e entendem as organizações e os papéis sociais. Fonseca (2006, p.02) entende que: “A transmissão da tradição oral é entendida como um processo educativo que possibilita a Comunidade conhecer seu passado de escravidão, construir sua identidade histórica e orientar seus membros para valores morais e religiosos”.

O "povo de santo"<sup>1</sup>, além das histórias de vida de seus sacerdotes e sacerdotisas, pode transmitir conhecimentos históricos, saberes e fazeres culturais, pois possuem a experiência de educar. Este costume está atualmente nos terreiros e é herança da experiência africana. O Candomblé é uma cultura da qual a religião faz parte. Portanto, o ensino não trata apenas de temáticas que objetivam a transmissão do conhecimento da religião, mas várias atividades que promovam o exercício da cidadania e construção da identidade.

Entende-se por educação o ato de ensinar e aprender, de construir novos interesses e saberes, de polir e disciplinar. Socialmente nos deparamos com a educação formal e informal. A educação formal é aquela que acontece na escola, referindo-se a transmissão de conceitos com caráter científico para a obtenção de títulos. A educação informal ocorre nos meios de interação de cada indivíduo, onde se instrui e orienta-se sem um direcionamento à obtenção de títulos/certificações, ou seja, são processos de aprendizados que vão além, que são para a vida.

É por acreditar que o ato de educar pode ocorrer em diversos espaços e que os terreiros de Candomblé com toda sua produção histórica material e simbólica fazem parte de redes educativas que a presente pesquisa se propôs a estudar como os ensinamentos adquiridos através das práticas cotidianas e religiosas no terreiro de Candomblé produzem educação,

---

<sup>1</sup> Pessoas devotadas aos cultos dos *Orixás*, *Voduns* e *Inquices*, as entidades espirituais africanas no Brasil.

formação cultural, moral, ética dos adeptos da religião, preparando-os para a vida em sociedade, além da vida religiosa. Como *locus* da pesquisa tomamos a experiência do Terreiro o Ilê Axé Opó Afonjá, localizado no bairro de São Gonçalo, Salvador/Ba.

O interesse em tratar desde tema surgiu a partir das minhas vivências em terreiro de candomblé. Ainda criança presenciava o cotidiano de um terreiro vizinho e pude aprender alguns *fundamentos*<sup>2</sup> que se baseavam no respeito aos objetos sagrados, as pessoas mais velhas e a natureza, através dos ensinamentos, história e contos africanos. Quando adulta, passei a visitar vários terreiros nas festas públicas por influência do meu irmão mais velho, sem nenhum compromisso religioso, fazia isso por admiração, com o olhar atento e, durante essas visitas, tive oportunidade de observar e aprender um pouco sobre o candomblé e a dinâmica dos *xirês*<sup>3</sup>.

Não posso deixar de citar minhas idas e vindas em consulta com uma *entidade*<sup>4</sup>; Zé Pilintra, esse sempre me dizia “quem tem horta não pede coentro e ninguém” ou ainda “quem tem saldado não vai pra guerra” e eu pouco entendia ou não interpretava que em verdade ele queria deixar implícito que tinha minhas próprias histórias a serem construídas no candomblé.

Após alguns anos, em um terreiro em que visitava, durante uma festa de Caboclo fui *suspensa*<sup>5</sup> como *ekede*<sup>6</sup>, nem percebia e já era uma *abiã*<sup>7</sup>. Então, começo a frequentar esse terreiro e muitas indagações passam a surgir. Paralelo a isso, acompanhava minha cunhada no processo de fundação do seu próprio terreiro, onde participei de alguns *fundamentos* e assim fui migrando de um terreiro para outro.

Seguia sempre firme, de olhos bem abertos até que tive o primeiro transe o que resultou num maior envolvimento com a ancestralidade. Esse fato fez com que me decidisse por aderir ao Candomblé como minha religião e tornei-me filha-de-santo<sup>8</sup>. Hoje sou yawô<sup>9</sup>, no Ilê Axé Bankolê Ofá Omim Alá localizado em Coqueiros do Paraguaçu, município de Maragogipe, cuja a *Ìyálòrìsà* é Ana d’Oxum. É deste lugar que falo, como adepta de uma religião de matriz africana, após uma trajetória marcada por aprendizados culturais e religiosos.

---

<sup>2</sup> Conhecimentos secretos sobre a religião.

<sup>3</sup> Palavra Yorubá que significa roda, ou dança utilizada para evocação dos Orixás conforme cada nação.

<sup>4</sup> No campo das religiões afro-brasileiras, uma **entidade** é um espírito que atingiu certa evolução **espiritual** e que tem permissão para se comunicar com os seres humanos através de médiuns, exercendo o papel de conselheiro e orientador.

<sup>5</sup> Apontada, escolhida.

<sup>6</sup> *Ekede* é a segunda pessoa para o Orixá. Este Cargo do Candomblé é reservado as mulheres que não recebem Orixá, que tem como função zelar, acompanhar, dançar, cuidar do terreiro e do Orixá do terreiro, além de auxiliar os demais membros em suas atribuições.

<sup>7</sup> É toda pessoa que entra para o Candomblé, sendo também chamado de filho de santo, após ter passado pelo ritual de lavagem de fio de contas e o ebori. Poderá ser iniciada ou não, vai depender de o orixá pedir a iniciação. Só deixará de ser *Abiã* quando for iniciada, passando a ser, então, *Yawo*.

<sup>8</sup> Pessoa iniciada no candomblé.

<sup>9</sup> Pessoa iniciada no candomblé até o sétimo ano de iniciação.

**Figura 1** - Saída de Yawo



Fonte: Arquivo Pessoal, ano 2012.

A inserção no candomblé produziu mudanças em vários aspectos da minha vida: restrições alimentares, obrigações, cuidados corporais, vestuário e relacionamentos. Essas mudanças foram provocando grandes e profundas transformações na forma de entender o mundo. Associado a essa vivência e com o olhar mais atento para esse debate, comecei a perceber que os processos de mudança que notava em mim, a partir da religião, estavam presentes em outras pessoas.

Quando adentrei na universidade e conseqüentemente a estudar sobre a formação das sociedades africanas surgiu o questionamento se a religião e os terreiros de candomblé exerciam um papel na construção dos valores éticos e culturais do indivíduo, já que a partir das vivências em terreiros percebia que alguns ensinamentos eram transmitidos e que atravessavam a vida em diferentes dimensões das pessoas. Desta forma, iniciei a pesquisa a fim de investigar como os indivíduos aprendem, se constroem culturalmente e se reconhecem dentro dos terreiros e da sociedade no geral.

Este trabalho é importante, pois entendo que por meio dele é possível trazer uma maior compreensão do terreiro de candomblé como espaço de formação educacional, cultural, e de inúmeros saberes fundamentados na ética, moral, respeito a todos os indivíduos e ao meio ambiente, que podem ser retomados de forma sistemática dentro do espaço da educação formal,

subvertendo assim os esquemas pré-estabelecidos e consubstanciados numa forma de ver e viver o mundo eurocentrada. Assim pretendemos contribuir para desconstruir o preconceito secular e a resistência existente na sociedade brasileira para com as religiões afro-brasileiras e seus adeptos.

No primeiro capítulo, apresento as leituras do material bibliográfico pesquisado sobre educação e processos educativos em diversos espaços, suas diversas formas e espaços de aprendizagem, com o intuito de situar o tema e algumas reflexões que lhe atravessam.

No segundo capítulo, se fez necessário apresentar, em linhas gerais, sobre o candomblé, o espaço religioso e cultural do Terreiro, sua organização social e como se organizam de acordo com cargos e suas hierarquias, dimensões importantes para o processo de aprendizado dentre destes espaços. Trago também a descrição da história e importância do terreiro o Ilê Axé Opô Afonjá, *locus* da pesquisa, conforme dito anteriormente.

Como metodologia utilizei uma abordagem qualitativa, com a finalidade de construir um trabalho de natureza etnográfica, o que alinhei a partir da análise das entrevistas realizadas com membros da comunidade Ilê Axé Opô Afonjá, dos registros etnográficos produzidos nos momentos vivências e observações, a fim de compreender e identificar quais as práticas religiosas deste terreiro, seus costumes vivos e ativos e suas formas de pensar e de agir; além disso, tomei por base empírica minha própria experiência como membro de uma *casa de axé*. Por fim, e não menos importante, tomei por base as entrevistas com outros estudiosos e adeptos do candomblé.

As visitas ao Ilê Axé Opô Afonjá coincidiram com o ciclo de festas de Xangô, período em que a comunidade se reúne para renovação de forças vitais do axé, através das oferendas feitas, comidas e festas para saudar o orixá. O primeiro contato dentro do Terreiro foi com a diretora da Escola Eugênia Anna dos Santos, Iraildes Santos Nascimento que é filha de santo da casa, que foi muito receptiva e me deixou à vontade, inclusive fui convidada para comer do amalá<sup>10</sup> que é servido toda quarta-feira. Em seguida, me vinculei a um grupo de turistas afrodescendentes de Chicago e percorri todo do terreiro.

Fomos conduzidos por uma guia que era membro da comunidade, assim pude conhecer o espaço físico do terreiro. Um lugar grande com muitas casas comuns onde residem o pessoal da comunidade do Ilê Axé Opô Afonjá. Primeiro, visitamos uma espécie de venda que comercializa objetos sagrados. Saindo deste local fomos apresentados às casas dos orixás,

---

<sup>10</sup> Comida ritual votiva do Orixá Xangô.

porém não foi permitida a entrada, já que é de acesso exclusivo dos filhos de santo da casa que já passaram pelo processo de iniciação.

Seguimos para conhecer a casa do Alaká, local onde funciona um curso e tecelagem do pano da costa. O pano da costa é uma peça africana usada como parte do vestuário do candomblé. O curso é importante para manutenção da cultura afro-brasileira. Os panos são comercializados e a renda é dividida entre as artesãs que confeccionam e também para a comunidade do Afonjá.

**Figura 2 -** Faixada da Casa do Alaká e Figura 3 -Tear e Panos da costa



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Por fim, conhecemos o barracão, lugar onde ocorrem as festas públicas, chamadas xirês. Este espaço é amplo e divide-se os locais reservados para os visitantes, autoridades religiosas. Neste primeiro dia, apenas conheci o espaço físico.

**Figura 4 -** Barracão do Ilê Axé Opô Afonjá



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Na segunda visita, pude presenciar um ritual na frente da casa de Xangô. O povo de santo estava reunido tocando, cantando e dançando para Oxum, Iansã, Oxóssi e Xangô. Após esse ritual fui recebida pelo presidente da Sociedade Civil, o senhor José de Ribamar, então fui autorizada a efetivar a pesquisa no terreiro, realizar entrevistas, descrever as vivências e a fotografar os espaços. Desta forma pude ter contato e concretizar as entrevistas com alguns filhos da casa. Segui com mais quatro visitas que me proporcionaram compreender melhor o funcionamento e a estrutura do lugar, além de entender um pouco mais sobre a construção do conhecimento individual dos membros da comunidade.

Desta maneira procurou-se entender como a organização cultural e religiosa dentro dos Terreiros de Candomblé contribui para a educação e formação cidadã dos seus adeptos.



## 2 A EDUCAÇÃO E SUAS DIVERSIDADES

É por meio da educação que hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos entre as gerações. A educação se faz presente em toda a vida do indivíduo. Segundo a Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu art. 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Esses processos visam influenciar os indivíduos para que ele possa desempenhar alguma função nos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos de uma sociedade.

No sentido técnico, a educação é o processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor integrar-se na sociedade ou no seu próprio grupo. Libaneo (1994) afirma que “A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de toda a sociedade”. O autor diz ainda que o objetivo da educação é “[...] prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade”. Desta forma entende-se que a educação, seja ela formal ou informal, é requisito para inserção dos indivíduos na sociedade.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – (2016), a educação também é exercida para além do ambiente formal das escolas e adentra em outras perspectivas caracterizadas como: educação não formal e educação informal, segundo a organização, compreende-se por educação não formal todo processo de ensino e aprendizagem ocorrido a partir de uma intencionalidade educativa, mas sem a obtenção de graus ou títulos, sendo comum em organizações sociais com vistas à participação democrática. E educação informal como aquela ocorrida nos processos quotidianos sociais, tais como com a família, no trabalho, nos círculos sociais e afetivos.

A escola é responsável pela educação formal, local onde são transmitidos os conhecimentos científicos a fim da obtenção de graus e títulos. É destinada a ela a normatização das regras que objetivem gerir todo o processo contínuo de formação e ensino aprendizagem. No processo educativo em estabelecimentos de ensino, os conhecimentos e habilidades são transferidos para as crianças, jovens e adultos sempre com o objetivo desenvolver o raciocínio dos alunos, ensinar a pensar sobre diferentes problemas, auxiliar no crescimento intelectual e na formação de cidadãos capazes de gerar transformações positivas na sociedade. A educação “informal” acontece ao longo de toda a existência do ser humano, está ligada a experiência de

vida do indivíduo, habilidades, valores e atitudes que ele adquire nas suas relações e ambientes de convívio.

A família é instituição primordial na educação informal, assim convencionada. Dentro do seio familiar são transmitidos os principais costumes humanos como andar, falar, comer, crenças e hábitos. No candomblé, existe a família de santo que configura-se pelos vínculos gerados pelo parentesco religioso. Quando é iniciado no candomblé, a pessoa passa a fazer parte do terreiro e conseqüentemente da família-de-santo. Silva (2005) descreve que “É pela iniciação que uma pessoa passa a fazer parte de um terreiro e de sua família de santo, assumindo um nome religioso (africano) e um compromisso eterno com seu deus pessoal e ao mesmo tempo com seu pai ou mãe de santo”. Desta maneira, o indivíduo passa a ter além do pai ou mãe de santo toda uma configuração familiar com irmãos, tios, avós-de-santo...

Os terreiros de candomblé são ambientes onde essas famílias se estruturam e convivem, eles produtores de cultura, onde se agrega memórias e histórias através da interação com aquela sociedade. As pessoas que convivem neste espaço são diariamente apresentadas a ensinamentos religiosos e culturais, além de princípios e valores humanos. Machado (2010, p. 4) trata da importância do aprendizado no cotidiano dos Terreiros de Candomblé quando assegura que: “O espaço do terreiro compreende um lugar atemporal e possui métodos próprios de aprender e de ensinar”.

A autora deixa claro que os mais velhos são incumbidos de passar os valores e comportamentos aos mais jovens que devem reproduzir esses saberes e fazeres a fim de expandir e dar continuidade a cultura. Machado compreende ainda que o ato de ensinar no terreiro reproduz o pensamento tradicional africano que procura colocar o outro dentro do seu caminho, apto a assumir seu lugar no mundo.

Sendo a comunidade de candomblé um grupo social pode-se compreender que dentro dele há sim aprendizado contínuo e espontâneo. Brandão (1985, p. 10) corrobora com a ideia de educação dentro dos grupos sociais quando afirma que: “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”.

A partir da análise dos conceitos de educação formal e informal é possível compreender que o indivíduo pode adquirir conhecimento e aprendizado em diversas esferas. Siqueira (2004) acredita que “a pessoa se educada, se constrói em diversos ambientes – a escola é mais um ambiente que se soma a estes outros – e a partir de diversas experiências”. Fica evidente, por tanto que o sujeito adquire visão de mundo não só apenas através do conhecimento científico/formal, mas também pelas diversas vivências do seu âmbito social.

Paulo Freire (1979, p. 14) nos diz que: “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”. Tal afirmação nos faz refletir sobre o processo educativo contínuo, como base de uma constante busca social, cultural e existencial. A ação educativa sugere uma interação entre o homem e o mundo. Observar e compreender os contextos a fim de transformá-los.

## 2.1 EDUCAÇÃO FORMAL

A educação formal visa o desenvolvimento das aptidões intelectuais do indivíduo. É um processo peculiar que formalmente está associado à escola e a currículos pré-estabelecidos.

Nas sociedades tradicionais a educação acontecia por meios “informais” (no âmbito da vida cotidiana, nos afazeres ordinários), através do mecanismo chamado endoculturação, as pessoas aprendiam através da convivência. O cientista social Alípio de Souza Filho explica que:

Toda endoculturação é resultado de um processo de socialização que, em última instância, significa a interiorização das convenções culturais, sociais, morais, através de diversos ritos e instituições, tornando-se a via pela qual se tornar membro da sociedade é não apenas a efetivação de uma destinação forçada a que o ser humano está obrigado (para se constituir como humano), mas também a via de sua constituição na alienação e na sujeição, sem que o sujeito disso se dê conta (FILHO SOUZA, 2011)

Nestas sociedades a partir da socialização com seus pares e das experiências que cada indivíduo aprendia como se colocar na sociedade. Foi com o estabelecimento da hegemonia da escrita, como marcador de civilidade e base para marcar o aprendizado, que a educação passou a ser institucionalizada (formalizada) dentro de espaços assim restritos a este papel. A escrita passou a ter função de demarcar eventos ocorridos e sua transmissão se dava através das escolas. Na idade média (conforme os marcadores de uma história pensada desde a experiência europeia) a educação se tornou produto da escola, porém apenas os membros do clero e nobreza eram permitidos a frequentá-las. Nesta época, não se fazia separação entre crianças e adultos frequentes nas instituições. O modelo de escola que conhecemos hoje se deu apenas a partir do século XVII com o desenvolvimento do capitalismo quando passou a haver a necessidade de se instruir as pessoas para atuarem nas indústrias.

A educação formal escolar atualmente é oferecida em níveis e graus (estágios) e prevê a obtenção de títulos e diplomas. Em termos de educação formal Gaspar (2002, p. 24) compreende que:

À educação atribui-se processos que acontecem essencialmente na escola, com reconhecimento oficial, dividida em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, apresentando-se em geral, com a característica marcante da organização curricular por disciplinas.

Para Gandin (1995), a educação formal escolar possui três objetivos básicos: a formação da pessoa humana, o desenvolvimento da ciência e o domínio da técnica. Nesta perspectiva, é atribuído que é através da escola que se pode obter o conhecimento científico estruturado em formas curriculares.

Neste contexto, o professor é o sujeito responsável por esta educação formal e é ele que vai mediar o aprendizado e atuar como sujeito ativo na construção de saberes. Segundo Libaneo (1994, p.22),

O campo específico de atuação profissional e política do professor é a escola, à qual cabem tarefas de assegurar aos alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo.

## 2.2 EDUCAÇÃO INFORMAL

Educação “informal” caracteriza-se por não ser intencional ou organizada, mas casual e empírica exercida a partir das vivências e de modos espontâneos. A educação informal não se prende a espaços currículos e ementas, ela se dá a partir do compartilhamento e das interações sociais.

A escola é a principal responsável pela educação formal das crianças dentro da sociedade, porém não é o único espaço de aprendizagem e construção dos indivíduos. Brandão (1985, p. 9) acredita que “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” Em diversos ambientes e grupos sociais a educação se apresenta diferente, cada povo, sujeito, categoria e grupo social tem uma forma de compreender, estruturar e transmitir suas vivências.

No terreiro de candomblé a educação está presente no cotidiano das pessoas. Dentro deste espaço os ensinamentos são passados através da observação, imitação. Aprende-se a respeitar os mais velhos, cuidar da natureza, seguir rotinas, reconhecer sua história e sua ancestralidade. A formação ética de respeito ao outro, resgata valores que atualmente se dissipam no mundo. Desta maneira, compreendo trazer para a escola pessoas com estes princípios é ajudar na construção do ser social.

### 3 O CANDOMBLÉ: MUITOS CAMINHOS E UMA SÓ DIREÇÃO

Com a vinda dos africanos escravizados para o Brasil a partir do século XVI, surgiu também uma religião que durante muitos anos só pode ser cultuada clandestinamente pelos seus adeptos. O candomblé, palavra derivada da língua, bantu: ca [ka]=uso, costume, ndomb=negro, preto e lé=lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque; hoje é religião reconhecida e traz diversos princípios e filosofia de vida.

Durante séculos os africanos foram proibidos de cultuar suas religiões no Brasil, a igreja Católica ordenava que fossem batizados e os obrigavam a participar das missas e a receberem os sacramentos. Mesmo com a perseguição da igreja católica, os africanos conseguiram transmitir e desenvolver sua cultura e tradições religiosas, através da sua língua, dos seus líderes e também pela constante chegada de novos africanos ao país.

Os africanos escravizados trazidos para o Brasil vieram de diferentes nações, na sua maioria Nigéria, Daomé (atual Benin), Angola, Congo e Moçambique. A instituição escravagista apartou famílias e separou grupos étnicos pelo país, mas apesar disto os negros conseguiram manter alguns laços com suas heranças étnicas.

O candomblé se estabeleceu em muitos estados brasileiros, e nas diferentes regiões o culto acabou se apresentando de diversas configurações que foram determinadas pelas influências das várias etnias, repressões sofridas pelos povos africanos e condições urbanas na qual vivia o povo. As nações de candomblé surgiram a partir do local da África de onde eram oriundos e se diferenciam conforme a prática religiosa, língua utilizada, divindades cultuadas e os ritos específicos da origem do povo praticante. As nações que mais se destacaram no Brasil foram as nações de Angola, Jeji e Ketu.

A nação de Angola se desenvolveu entre os africanos escravizados que falavam a linguagem Kimbundo e Kikongo. Eles têm uma maneira diferente de cantar, dançar e percutir seus tambores. Na hierarquia de Angola o cargo de maior importância é para homem Tata Nkisi (tata de inquices) e para mulher Mametu Nkisi (Mametu de inquices), que correspondem ao Babalorixá e a Ìyálòrìsà dos Yorubás, e o Deus supremo é Zambi (Nzambi) ou Zambiapongo (Ndala Karitanga). O Candomblé de Caboclo é uma modalidade desta nação, e cultua os antepassados.

Em Jeji é cultuado as divindades chamadas Voduns, cujo Deus Supremo é Mawu, a quem são subordinados, assim como Olódúmarè o Deus Supremo dos Orixás Yorubás. O culto aos Voduns teve ênfase na Bahia, conhecido como Candomblé Djedje, e no Maranhão Tambor de

Mina. Algumas casas tiveram influências dos yorubás e vice-versa, formando o que se chama de cultura Jeje Nagô.

A nação Ketu se diferencia das outras nações pelo idioma utilizado, o Yorubá, no toque dos seus atabaques, nas cores e símbolos dos Orixás, e nas cantigas; Os fundamentos são passados oralmente por sacerdotes de Orixás que são chamados de Babalorixá (masculino) Ìyálòrìsà (feminino). Outra grande diferença é em relação ao culto dos Eguns; existe um sacerdote preparado para este ritual específico chamado Ojé ou Baba Ojé, que faz o uso de um Ixã (bastão) para dominar os Eguns. Os Orixás cultuados na nação Ketu são: Exu, Ogun, Oxóssi, Logun Edé, Xangô, Obaluàyé, Oxumarê, Ossãe, Oyá, Oxun, Yemanjá, Nanã, Ewá, Oba, Oxalá, Ibeji, Irôko, Orunmilá.

Apesar de reconhecido e consolidado, o Candomblé ainda é mal visto na sociedade brasileira e seus adeptos são constantemente vítimas da intolerância religiosa. Em 2016, 169 casos de violação de direitos foram registrados pelo Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa Nelson Mandela; 117 de racismo e 52 de intolerância religiosa.

Em 2015 no Rio de Janeiro, uma menina de 11 anos levou pedradas na cabeça ao sair do culto por estar vestida com roupas típicas da religião. Em Salvador, no ano de 2016 o busto de mãe Gilda, localizado na Abaeté, ponto turístico da cidade foi alvo de vandalismo. Esses dados revelam a necessidade iminente de leis e punições severas para crimes de intolerância religiosa.

De acordo com o último censo, de 2010, menos de 1% da população brasileira pratica as religiões de matrizes africanas. Esse dado, por tanto, parece não refletir a realidade. Para a antropóloga Sônia Giacomini este número é subestimado, a estudiosa acredita ainda que é preciso se fazer uma pesquisa mais cuidadosa de maneira a melhor definir como isso pode ser perguntado para chegarmos mais perto do perfil da população brasileira sobre sua religiosidade.

No Candomblé se cultua os orixás – divindades africanas ligadas aos elementos da natureza. A autoridade espiritual e moral é concentrada nas mãos dos “pais” ou “mães de santo”, chamados também de “Babalorixás” e “Ìyálòrìsàs”, respectivamente. O nome “mãe” e “pai” significa aqui que os adeptos aceitam uma segunda educação pelas mãos de pessoas significativas nas suas vidas. A educação numa nova vida, após serem iniciados no Candomblé.

A adesão ao candomblé é um processo complexo, paulatino e que envolve um aprendizado minucioso de códigos religiosos que, é possível dizer, começa na iniciação. Tal aprendizado dá-se no âmbito das relações do grupo do terreiro ou da comunidade do “povo-de-santo”.

A estrutura do Candomblé inclui dos iniciados propriamente ditos e os titulares, pessoas executivas e honoríficas que participam de todo o processo formal de iniciação, do abiã ao Babalorixá ou Ìyálòrìsà. Todos os membros se encontram unidos na mesma fé, protegidos pelos Orixás, submissos a uma autoridade religiosa e espiritual, na qual uma solidariedade económico-religiosa fundamenta a co-responsabilidade do trabalho.

É também regulado pelo tempo de iniciação que, situando o iniciado dentro de uma estrutura hierárquica precisa, delimita posições e papéis. Assim, a inserção do indivíduo na comunidade vai sendo feita através da acumulação dos fundamentos religiosos que estabelecem o tipo de relação do indivíduo com seu Orixá e com os demais membros do culto.

### 3.1 OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Na acepção da palavra, terreiro, é um espaço de preservação de traços africanos, de diversos grupos étnicos, construídos no Brasil por afro-brasileiros no período da diáspora africana para manter preservada sua religião e cultura.

O terreiro foi uma forma estratégica encontrada pelas diversas etnias africanas de reinventar, (re) elaborar, as suas tradições religiosas dos seus antepassados e de defender essas tradições da perseguição sofrida durante anos no Brasil.

Nos terreiros de candomblé a visão do mundo Africano se mantém presente e viva através da reprodução dos seus traços culturais. Na reconstrução familiar – clã continua a subsistir. Para Machado (2010), o surgimento dos terreiros recompôs o berço ancestral, síntese do continente africano. Para a autora, através da religião, etnias e crenças se organizaram em um processo de adaptação cultural representado num espaço de significado infinitamente mais amplo do que o espaço concreto.

É evidente que essa instituição não é uma réplica perfeita das tradições originalmente africanas, pois ao longo de séculos sofreu diversas influências que determinaram muitas mudanças na sua organização. Soares (2016, p. 42) assegura que “O candomblé não é uma ‘ilha da África’ no Brasil. O mesmo sofreu e ainda continua sofrendo todas as influências geradas desde as circunstâncias em que fora criado.”

Para o estudioso, a crueldade da escravidão, quebra de laços consanguíneos que confirmava a ancestralidade, a mistura de cultos, a influência do Cristianismo através das repressões sofridas, foram alguns dos fatos que determinaram muitas mudanças no culto da religião.

O Terreiro de Candomblé é estruturado de acordo com as características próprias dos Orixás e aos fenômenos da natureza que estão relacionados a cada um deles. Caputo e col. (2016) nos trazem:

Os terreiros de candomblé procuram se organizar de modo a abrigar na sua estrutura a força regente dos Orixás, com isso se utiliza dos conhecimentos da geografia. Assim, as construções nesses ambientes, de maneira simbólica, abrigam os fenômenos naturais e seus respectivos deuses: chuva (Naná), relâmpago (Iansã), trovoadas (Xangô), enchentes (Oxum), maremotos (Iemanjá), terremotos (Obaluaiê) dentre outros, pois cada Orixá está ligado a um elemento da natureza e aos fenômenos a ele relacionados.

O Terreiro é basicamente dividido em dois espaços. Um em que se cultiva as ervas, dedicado ao culto aos orixás com barracões e quartos de consultas, e o outro onde encontram-se ambientes comuns dos membros da comunidade, como cozinha, alojamentos, depósitos, entre outros. Caputo e col. (2016) citam que:

O espaço geográfico do terreiro estudado está organizado em duas dimensões: o espaço do profano e o espaço do sagrado. O primeiro, normalmente habitado pelas pessoas que nele circulam em sua cotidianidade. O segundo, dedicado ao culto dos Orixás.

Os espaços nos terreiros são produtores e reprodutores de cultura, uma vez que suas vivências são pautadas em constantes processos educativos. O ambiente proporciona aos membros o aprendizado contextualizado através as experiências, observação e construção. Caputo (2007) discute que “crianças de terreiros crescem entre orixás, entre ‘as coisas do santo’ e se preparam para receber cargos na hierarquia do culto e para, se for o caso, incorporar os orixás”. Desse modo, compreendemos que o cotidiano dos terreiros ensinam de diversas maneiras. O conhecimento mitológico é transferido oralmente, através de rodas de conversas que ressaltam a natureza e procuram explicar a criação da vida, dos seres, dos espaços, entre outros.

Cabem as Ialorixás/Babalorixás dos terreiros presidirem as cerimônias religiosas, receber os convidados, raspar a cabeça dos iniciados, supervisionar os rituais e apontar os novos iniciados. Há também um grupo ligado à hierarquia do terreiro, mas que não incorpora as divindades. São as Ekedes, consagradas ao serviço dos santos, cozinhar, costurar e vestir os orixás, cuidar de todo o terreiro e ficar atentas às *filhas de santo*, quando estão incorporadas.

O segundo grupo, propriamente dito, é representado pelos “Ogãs”, pessoas que exercem um cargo executivo e honorário no Candomblé. Contribuem para solucionar problemas jurídicos e formam um corpo seletivo de prestígio.



### 3.2 A HISTÓRIA DO TERREIRO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ

O terreiro Ilê Axé Opô Afonjá foi fundado em 1910 por um grupo dissidente do Terreiro Casa Branca do Engenho Velho comandado por Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha.

O nome Ilê Axé Opô Afonjá significa; casa da força sustentada por Xangô. Localizado na rua Direta do São Gonçalo do Retiro, bairro do Cabula, periferia de Salvador. O Terreiro é um dos mais importantes do Brasil, presta grandes serviços à sociedade a favor da preservação do culto aos orixás.

**Figura 5** - Casa de Xangô



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Mãe Aninha, fundadora do Ilê também foi umas das pessoas responsáveis pelo reconhecimento e liberação do culto afro-brasileiro no Brasil. A Ìyálòrìsà lutava para fortalecer o culto do candomblé e, por intermédio do ministro Osvaldo Aranha, conseguiu se reunir com o então presidente Getúlio Vargas e o influenciou na promulgação da lei nº. 1202, de 8/4/1939, que acabou com o embargo da religião no país. Após o falecimento de Mãe Aninha em 1938, o Ilê Opô Afonjá foi liderado, por Mãe Bada, Mãe Senhora, Mãe Ondina e por Mãe Stella de Oxóssi. Mãe Stella de Oxóssi, Maria Stella de Azevedo Santos é natural de Salvador e nasceu em 2 de maio de 1925. Aos 51 anos tornou-se Ìyálòrìsà do Ilê Axé Opô Afonjá. Como Ìyálòrìsà, Mãe Stella escreveu livros e artigos sobre o candomblé, e durante muito tempo, realizou palestras dentro e fora do Brasil que possibilitaram uma maior divulgação da religião.

Mãe Stella foi uma das primeiras Ìyálòrìsàs a combater o sincretismo religioso, que é a fusão de diversas doutrinas. Mãe Stella também é conhecida por combater o racismo e a intolerância religiosa. O Terreiro se estende por 39 mil metros quadrados, onde se pode encontrar uma vegetação densa preservada, edificações de uso habitacional e religioso — dentre eles o barracão, o templo principal, a Casa de Xangô, os santuários de Oxalá e de Iemanjá, a fonte de Oxum, e a Escola Eugênia Anna dos Santos. Há também o Museu Ilê Ohum Ilailai e a Biblioteca Ikojppo Ilê Iwe Axé Opô Afonjá, espaços de formação, preservação e difusão da memória daquela comunidade e da história dos africanos no Brasil. No ano de 2000, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Em relação à sua organização espacial do terreiro mantém um conjunto arquitetônico composto por um barracão de festas, casas dos principais Orixás, como Xangô, Oxossi, Iemanjá, Oxalá, Iansã, Ossain, Ogun, Obaluaiê, e Oxum. No lugar funciona a Escola Municipal Eugenia Anna dos Santos, o Museu Ilê Ohun Lailai, e o Instituto Ode Kayodé. A escola foi sonho de mãe Aninha que deseja proporcionar as crianças da comunidade do Ilê Apó Afonjá uma formação acadêmica. Segundo relatos ela citava que “Desejo ver todos os meus filhos e netos servindo a Xangô com anel no dedo.” A ideia foi perpetuada pelas suas sucessoras e hoje a escola apresenta um projeto pedagógico que visa a valorização da cultura africana, além do combate ao racismo e ao preconceito.

**Figura 6** - Faixada principal da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

**Figura 7** - Faixada da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

Além disso, o Ilê Axé Opô Afonjá possui oficinas de marcenaria, forja de ferro para produção de símbolos dos Orixás, ateliê para produzir trabalhos artesanais, e no mesmo espaço há o compartilhamento de casas para abrigar os filhos-de-santo, que moram no terreiro. Ainda, funciona nesse espaço uma biblioteca com um acervo sobre a história do terreiro, e temas correlatos a sua tradição e cultura. Além dessa estrutura funcional apresentada, o Ilê disponibiliza o uso do seu barracão de festas para a realização de alguns eventos de discussão e compartilhamento de conhecimentos sobre as temáticas africanas e afro-brasileiras, a exemplo de mesas redondas e seminários, bem como eventos culturais.

### 3.3 CONVIVENDO E APRENDENDO

Conviver em um terreiro de Candomblé é estar em constante aprendizado que vai além dos saberes religiosos, perpassa por conhecimentos éticos, humanos de respeito as pessoas e a natureza. O indivíduo que tem a oportunidade de vivenciar a comunidade obtém uma compreensão de mundo por meio do exemplo através de atitudes e comportamentos que, muitas vezes, destoa do modelo social externo a este universo. O terreiro Ilê Apo Afonjá é uma

comunidade grande, e cada um dos seus membros tem vivências que foram significativas para seu crescimento pessoal. Em visita, pude compreender um pouco de como as pessoas daquela comunidade vivem, convivem e se reconhecem dentro dela.

As comunidades são importantes meios de resgate das origens do povo brasileiro, uma vez que transmitem os valores africanos, através de mitos, aos afro-brasileiros que por conta do passado de escravidão foi obrigado a omitir suas culturas, seus modos de vida, seus valores éticos e religiosos. Machado (2015) acredita que:

No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na grande história da vida.

O terreiro é o espaço onde o Candomblé pode educar e, onde é possível aprender a viver segundo as práticas religiosas da comunidade, neste espaço pode-se conhecer os preceitos religiosos, tecer e aprofundar vínculos com a família-de-santo.<sup>11</sup> As crianças que crescem em meio ao terreiro participam do cotidiano e passam desde cedo a compreender os rituais, cânticos e toda a rotina do lugar. Dentro deste processo a criança reconhece como sujeito do processo através das vivências particulares e coletivas. Oliveira (2014, p. 147) confirma que “por meio dessa cultura é que as crianças constroem as suas próprias cosmovisão e identidade, uma vez que estas são construções socioculturais que se relacionam diretamente com a experiência não só individual como também coletiva.” O autor aponta que esses indivíduos desde muito cedo passam a conhecer certas plantas e a maneira como são utilizadas.

A natureza é um elemento de suma importância para os praticantes da religião do Candomblé, pois é dela que se extraem as forças e as energias dos orixás está ligada a ela. Desta forma dentro do terreiro desde muito cedo os membros aprendem a importância de se cuidar e relacionar bem com a mesma.

O Candomblé valoriza a família e todos os membros da comunidade são unidos pelos laços de fé. Sobre isso, Mãe Stella de Oxóssi, em entrevista a Agnes Mariano para o blog *Histórias do Povo Negro*, afirma que: “A princípio, todo terreiro é uma família, porque é a família espiritual.” Sendo uma família compreende-se a criança como ser que precisa de cuidados, proteção e ensinamentos por isso tem seu espaço, ela é honrada, louvada e protegida

---

<sup>11</sup> É um termo usado no candomblé e nas religiões afro-brasileiras, que significa pessoas do mesmo Axé. É como uma família, onde o filho-de-santo, sempre tem um pai-de-santo, um avô-de-santo até chegar no primeiro africano que trouxe o Axé da África.

por todos da comunidade e não só pelo pai ou mãe. A Iawo Iraildes, com quatro anos de iniciada e responsável pela casa do Alaká descreve que:

O espaço religioso é um espaço onde os mais velhos querem que a gente cresça como adultos de direitos, que saiba seus direitos e deveres que saiba valorizar e respeitar os seus mais velhos então a gente tinha isso como base então ninguém reclamava tanto que até as crianças mais velhas elas tinham que tomar conta das mais novas.

Esse movimento demonstra o respeito à hierarquia e o sentimento de coletividade que o indivíduo deve obter desde cedo. As pessoas dentro da comunidade de Candomblé acabam de certa forma se responsabilizando umas pelas outras, cuidando, preocupando-se e principalmente ensinando. O aprendizado através da oralidade e da observação das práticas cotidianas são os principais meios de transmissão de conhecimentos no universo dos terreiros de Candomblé. Desta forma, é ouvindo, observando e praticando que se constroem os saberes dentro de um terreiro. A cultura, a história, a mitologia africana, o respeito à natureza e aos seres encantados são aprendidos diariamente nas conversas, nas atitudes e nas relações e nas participações. Jonas Santos Junior adepto há quatro anos nos relata que tudo que aprendeu e aprende dentro do Ilê foi “observando e ouvindo e ficando calado”.

Ana Fátima Yawo iniciada há 01 ano num candomblé raiz do Ilê Opô Afonjá corrobora com relato de Jonas Santos Junior, (Ogã do Ilê Opô Afonjá), quando relata em entrevista que na comunidade aprendeu observando, sobre o que nos disse: “livros são acessórios, mas a transmissão oral dos mais velhos e a prática são grandes escolas”. Os indivíduos participam da comunidade e adquirem educação civil, cidadã, humana e religiosa. Ana Fátima ao refletir sobre sua vivência na comunidade afirma que: “aprendi tomar a benção e a olhar o outro sem diferenças.”

Dentro do Terreiro Ilê Opô Afonjá funciona há trinta e nove anos a Escola Eugenia Anna dos Santos que segundo Iraildes Santos, diretora e filha da casa “foi criada para fazer valer a frase de Mãe Aninha de ver seus filhos com anel no dedo e aos pés de Xângo.”

Há muito tempo que a escola atua dentro da comunidade aliado a prefeitura com projeto pedagógico regular voltado para as questões referentes à cultura negra, trazendo para as crianças da comunidade resgate e reafirmação da sua identidade, conforme já sinalizado acima. Ainda na entrevista fornecida para Agnes Mariano (2001), mãe Stella, quando indagada sobre o papel da Escola dentro do Ilê, afirmou que: “É uma escola da rede pública e atendemos à lei que diz que a liberdade de culto deve existir. Ali não se ensina candomblé nem iniciações, mas muita

coisa relacionada com a cultura africana iorubá. Nós não somos africanos, somos brasileiros, afro-brasileiros.”

Para Iraildes Santos “a escola com sua função social oferece para criança a religiosidade da comunidade de terreiro pontuando valores sociais que há na religião do candomblé como respeito, cuidado com os mais velhos e mais novos, solidariedade, união, preservação da natureza”. O respeito ao outro e a sua individualidade são fatores fundamentais no Candomblé. Caputo (2012) reitera quando diz que: “O candomblé ensina as pessoas a não serem racistas, preconceituosas, a não desprezar, nem desrespeitar alguém por conta de suas relações ou orientações sexuais.” A autora crítica a postura da educação formal escolar por não debater questões raciais e desconsiderar os saberes que emergem de universos e práticas como dos terreiros de Candomblé. Ela traz que “na escola, mais importante do que aprender física ou matemática, é aprender a não ser racista”.

A construção da identidade racial e valorização do negro e da sua cultura são constantemente trabalhadas dentro do Terreiro de forma geral e, no caso particular do Opô Afonja, na escola que se insere dentro deste universo também. A Iwao Iraildes nos explica que “Mãe Stella sempre teve a preocupação e o olhar mais atento para as crianças e os jovens no sentido de que se discutam os problemas atuais e se trabalhe a cultura afro-brasileira.” Esse caminho de autonomia e conhecimento dos direitos e do resgate, valorização e reconhecimento da identidade negra, que ainda hoje é bastante discriminada do Brasil, é o que nos pareceu presente nas relações e práticas cotidianas dentre deste Ilê, bem como no espaço formal de educação que se insere aí.

**Figura 10** - Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (Casa de Xangô)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

**Figura 11** - Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (lateral da Escola)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

**Figura 10** - Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (em frente à Escola)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

#### 4 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

A Por meio da pesquisa realizada junto ao Ilê Axé Opô Afonjá foi possível conhecer melhor o processo de aprendizagem de um terreiro de candomblé.

Percebe-se assim, que a entrevista focal, como uma das formas de coleta de dados na pesquisa, é uma técnica que possibilita alcançar bons resultados, apesar de suas limitações, como por exemplo, a dificuldade de reunir os participantes e tempo empreendido para sua realização. Estas limitações são compensadas pela riqueza de dados que podem ser obtidos através das observações sistemáticas produzidas na convivência cotidiana.

A teoria, existente no processo de educação formal, nem sempre contempla as necessidades do dia a dia, por isso se fazem necessárias ações éticas para alcançar o sucesso, bem como criatividade e dedicação plena naquilo que se propõe a realizar.

E importante que as organizações sociais e também as instituições culturais percebam o valor e a potência das ações da educação que ocorrem nos espaços de convivência comunitária como os Terreiros de Candomblé, pois podemos ganhar uma formação mais humanística, valorosa que encontra na cultura e nas práticas sociais alicerces para melhor compreender e viver em sociedade, mas especialmente para a busca pela construção de uma sociedade menos desigual e racista e mais equânime.

Esse trabalho, por ser de caráter preliminar, abre novos caminhos para a pesquisa sobre essa temática, além de criar uma ponte cultural entre o Ilê Axé Opô Afonjá e essa academia. Identifica o espaço do terreiro como produtor de saberes e cultura que é, reconhecimento que muitas vezes não lhe é dado pela ignorância que reforça o preconceito gerados com a história eurocêntrica do Brasil

O Ilê Axé Opô Afonjá, um dos maiores terreiros do Brasil, reconhecido e tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) tem na sua história a luta para a preservação da identidade afrodescendente. Desta forma, além do direcionamento religioso e espiritual presta grande serviço à sociedade, uma vez que trabalha o senso crítico, reforça e resgata a cultura africana, proporcionando aos membros seu reconhecimento como sujeito social.

A Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, é um projeto que reafirma a preocupação e a importância que é dada a formação social e identitária destes indivíduos, uma vez que além do que é proposto pedagogicamente pelo Estado no currículo comum, desenvolve um projeto pedagógico construído pela filha de santo e Doutora em Educação Vanda Machado. Este projeto tem como principal objetivo a valorização da cultura afrodescendente e reconhecimento da



memória coletiva africana. Desta forma dentro do terreiro é proporcionado formação acadêmica, cultural, religiosa e democrática.

## REFERÊNCIAS

HTTP://WWW.CCHLA.UFRN.BR/ALIPIOSOUSA/INDEX\_ARQUIVOS/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS\_PDF/IDEOLOGIA%20E%20TRANSGRESSAO.PDF (ALIPIO DE SOUZA FILHO – ARTIGO)

**ALVES, NILDA;** EDUC. SOC., CAMPINAS, V. 31, N. 113, P. 1195-1212, 2010

**BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES.** O QUE É EDUCAÇÃO. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1985.

**BRASIL,** Lei de diretrizes e bases da educação. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

**CAPUTO, S. G.** Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. Rio de Janeiro: Pallas. 2012

**FONSECA, Mariana.** Educação pelos Tambores: a Transmissão da Tradição Oral no Candombe do Açude. Anais do 6º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia/MG, 2006

**FREIRE, Paulo.** Educação e Mudança. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

**GANDIN, Danilo.** Planejamento como pratica educativa. 8º ed. São Paulo: Edições Loyola. 1995

**GASPAR, A.** A Educação Formal e a Educação Informal em Ciências. São Paulo: Vozes, 2000.

**LIBANEO, José Carlos.** Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

**MACHADO, Vanda.** EXU: O SENHOR DOS CAMINHO E DAS ALEGRIAS .Salvador , 2010

**MACHADO, Vanda.** Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais, Salvador, 2015.

**PORTAL ONUBR,** Entrevista com Sônia Giacomini disponível em: <https://nacoesunidas.org/a-intolerancia-contra-as-religoes-de-matrizes-africanas2/> Acessado em 21/06/2017

**READ, Herbert.** A educação pela arte. São Paulo: Martins e Picosque Fontes,2001.

**SILVA, Vagner G.,** São Paulo 2005 Candomblé e Umbanda, Caminhos da Devolução Brasileira.

**SIQUEIRA, C. T.** Construção de saberes, criação de fazeres: educação de jovens no hip hop de São Carlos. 2006, 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação)

**SOARES, E.L.R.** As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação-Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016

*A EDUCAÇÃO NO COTIDIANO DO TERREIRO: SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS DO TAMBOR DE MINA NA AMAZÔNIA (PDF Download Available)*. Available from: [https://www.researchgate.net/publication/221670146\\_A\\_EDUCACAO\\_NO\\_COTIDIANO\\_D\\_O\\_TERREIRO\\_SABERES\\_E\\_PRATICAS\\_CULTURAIS\\_DO\\_TAMBOR\\_DE\\_MINA\\_NA\\_AMAZONIA](https://www.researchgate.net/publication/221670146_A_EDUCACAO_NO_COTIDIANO_D_O_TERREIRO_SABERES_E_PRATICAS_CULTURAIS_DO_TAMBOR_DE_MINA_NA_AMAZONIA) [accessed Jun 21, 2017].

Link entrevista Mãe Stela <https://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/no-candomble-e-a-gente-que-se-supera-nao-tem-que-superar-o-outro-entrevista-com-mae-stella-de-oxossi/>

## **APÊNDICES**



A entrevista abaixo é instrumento da pesquisa que compõe o projeto de conclusão de curso intitulado: *Educação de Terreiro: O Terreiro de Candomblé como lugar de Educação*, que tem o objetivo de conhecer, analisar e expressar a maneira como as práticas religiosas cotidianas de um terreiro de candomblé desenvolvem seus processos educativos de construção e transmissão de valores e saberes culturais, e como essas práticas podem promover o desenvolvimento de uma educação cidadã pautada em valores éticos e culturais. E deve ser aplicada a pessoas que participam de comunidade de terreiro de Candomblé.

Agradeço o acolhimento ao tempo em que comprometo-me em garantir a confiança dos nomes das pessoas, assim como as informações aqui prestadas.

### **Entrevista Semiestruturada**

#### **I. Identificação**

1. Nome:
2. Endereço:
3. Idade:
4. Sexo:
5. Escolaridade:
6. Trabalho:
7. Religião:
8. Cargo na religião:
9. Se frequenta outra religião, qual?

#### **II. História da Vida Religiosa**

10. Desde quando você é praticante desta religião?
11. Como você chegou até esta religião? Qual a origem de sua relação com o Candomblé?
12. Você sabe a origem de sua religião? Quais as suas tradições?
13. Você frequentou ou frequenta outra religião? Sim ( ) Não ( ). Se sim, qual?

Por que mudou? Se não, por quê?

14. Você frequentou outro(s) terreiro(s)? Sim ( ) Não ( ). Se sim, como eram estes terreiros?

Quem o(s) liderava? Qual a linha? Por que deixou de frequentar?

15. Como foi sua iniciação na religião?

16. No início, como você se relacionou com sua missão religiosa? Aceitou? Resistiu?

17. Porque entrou para essa religião? Faz quanto tempo? Como foi seu desenvolvimento? Quais as aprendizagens necessárias?

18. Como aprendeu o que hoje sabe sobre a religião (rituais, crenças, práticas, mitologias, orações, danças, doutrinas)?

19. Enfrenta(ou) preconceitos por sua escolha religiosa? Sim ( ) Não ( ). Se sim, que tipo de preconceito? Como relacionou com ele?

20. Acha que sua religião está deixando para trás alguns costumes que julgue importante ou se modificando? De que forma? Explique.

### **III. Entendimentos/Representações**

21. Para você, o que é o Candomblé? O que representa a religião na sua vida?

22. Para você, o que são os Orixás, Voduns, Caboclos, Deus, Jesus?

23. Do que você mais gosta no Candomblé?

24. Do que você não gosta no Candomblé?

25. Para você, o que é religião? Acha que o Candomblé é uma religião como as outras ou é especial por algum motivo?

26. O que você pensa sobre a intolerância religiosa?

26. Já sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito por causa da sua religião?

27. Você superou isso? Como?

### **IV. Vida Religiosa**

28. Que importância ocupa a religião no seu cotidiano?

29. Na Casa de Candomblé quais são suas tarefas/obrigações?

Gosta de desenvolvê-las? Por quê?

30. Fale sobre suas entidades. Acha que possui semelhanças com as entidades que carrega?

31. Que tipo de trabalhos você faz? Quais gosta de fazer e quais não gosta?

32. Como aprendeu as doutrinas, as danças, as orações, os remédios e os rituais da religião? Foi fácil? Demorou? Ainda está aprendendo? Como?

33. Gosta das pessoas que frequentam o terreiro? Gosta do pai-de-santo ou mãe de santo? 34. O que mais gosta ele ou nela? E que não gosta? Gosta dos filhos-de-santo? Como são os relacionamentos? Há conflitos? Quais? São resolvidos? Como são resolvidos?

#### **V. Processo de Ensino aprendizagem**

35. Como é o seu dia a dia no terreiro?

36. Que é que você aprende no terreiro?

37. Você gosta do que você aprende nesse espaço?

38. Com quem é que você aprende?

39. O que você aprende aqui você usa em outro lugar? ( ) sim ( ) não. Se sim onde?

40. Como é que você aprende as coisas no terreiro?

41. Para você, o que é educação? Acha que existe educação ou formas de ensinamentos no terreiro? Sim ( ) Não ( ). Se sim, quais ou como? Se não, por quê?

42. O que você já aprendeu na religião? Como aprendeu? Essas aprendizagens lhe foram importantes no seu dia-a-dia?

43. Que tipo de saberes/conhecimentos se aprende na religião?

44. Quais os valores da religião?

45. Você ensina elementos da religião para as pessoas com quem você convive fora do terreiro? O que ensina? Como ensina? Para quem? Onde ensina? Quando ensina? como valia esse trabalho? Você se prepara para tais ensinamentos?

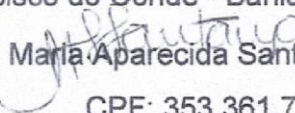


Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB  
Campus dos Malês - São Francisco do Conde/BA

### Termo de Compromisso

Eu Maria Aparecida Santos Santana, estudante do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, campus dos Malês, localizado no município de São Francisco do Conde, matrícula 2014303390, CPF 535.361.775-49, residente na Estrada da Liberdade, 231 casa 14 Salvador - Ba, estou desenvolvendo o projeto de conclusão de curso intitulado: *Educação de Terreiro: O Terreiro de Candomblé como lugar de Educação, sob a orientação da professora Dra. Cristiane Santos Souza* que tem o objetivo de conhecer , analisar e expressar a maneira como as práticas religiosas cotidianas de um terreiro de candomblé desenvolvem os processos educativos de construção e transmissão de valores e saberes culturais, e como essas práticas podem promover o desenvolvimento de uma educação cidadã pautada em valores éticos e culturais, comprometo-me em usar exclusivamente as informações e dados coletados neste Terreiro para a realização do referido projeto, comprometendo-me ainda em garantir a confiança dos nomes das pessoas que por ventura possam gerar constrangimento a elas e ou à instituição, como preconizam o **CÓDIGO DE ÉTICA DO ANTROPÓLOGO E DA ANTROPÓLOGA**, Criado na Gestão 1986/1988 e alterado na gestão 2011/2012

São Francisco do Conde - Bahia, 24 de maio de 2017.

  
Maria Aparecida Santos Santana

CPF: 535.361.775-49

Recebido 09/07/17  
Santamento.  
as 14h30



## **ANEXOS**





### **Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá**

Rua Direta de São Gonçalo, 558 São Gonçalo do Retiro Salvador BA CEP-40301-155  
 CNPJ-16.110.611.0001/22  
 Criada em 08 de novembro de 1969

*Conotte*

---

A Iyalorixá Maria Stella de Azevedo Santos e a Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá com o apoio do Centro de Documentação e Memória Afonjá e a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos têm a satisfação de convidar Vossa Senhoria e Excelentíssima Família para participarem da programação especial de celebração dos 80 anos de criação do corpo sacerdotal dos Obás de Xangô.

Dia 13 de julho de 2016 das 11 horas às 17h.

#### **PROGRAMAÇÃO**

#### **REUNIÃO CULTURAL COMUNITÁRIA**

- ✚ Palestra sobre os Obás de Xangô
- ✚ Oficinas de artesanato afro e vivências
- ✚ Prestação de serviços médicos e sociais
  - ✚ Apresentações artísticas
  - ✚ Lançamento de livro
  - ✚ confraternização

**José de Ribamar Feitosa Daniel, Obá Odofim**  
**Presidente do Conselho Civil**